



ESPAÇO
HUMANIDADE
Consciência que Cura

MINISSÉRIE



Psicanálise e Espiritualidade

AULA 1

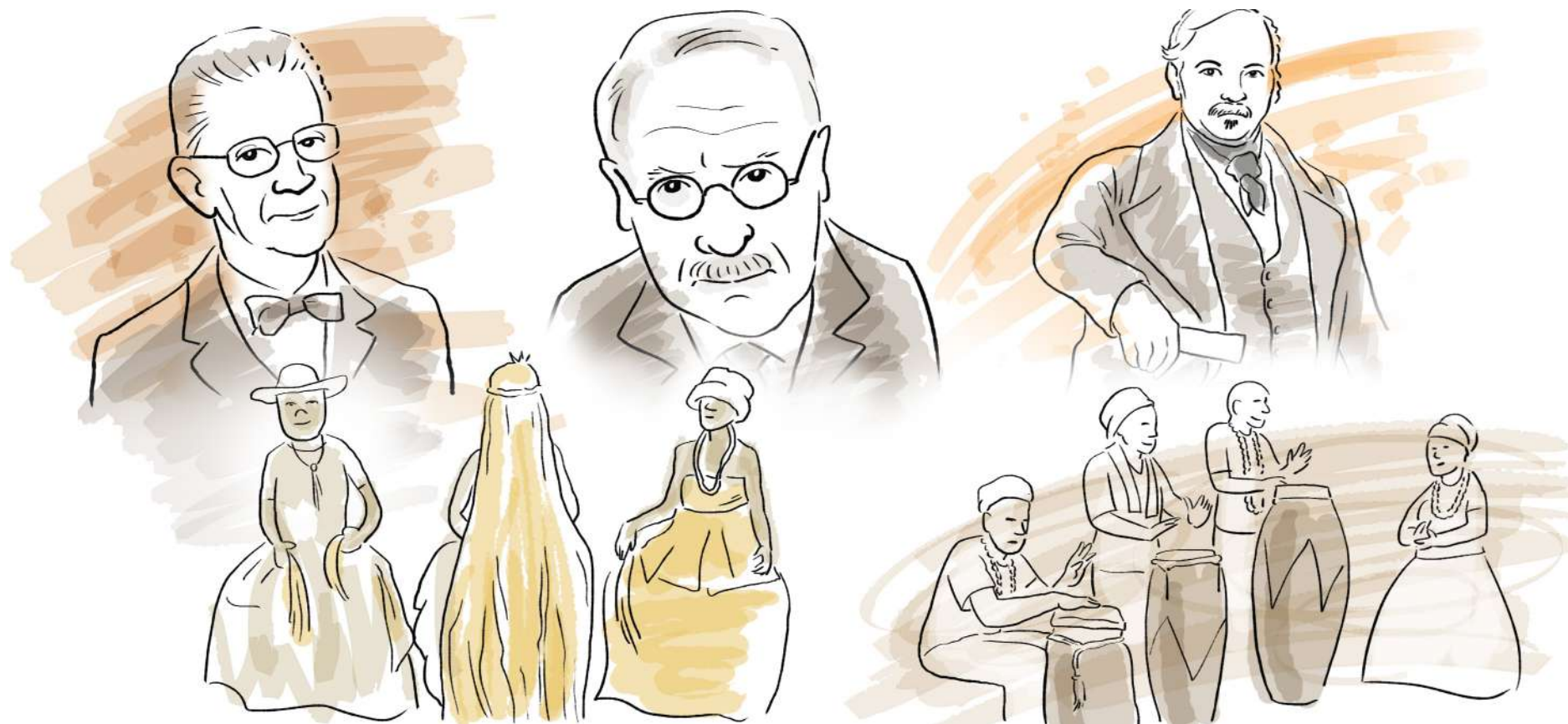
A psiquê no ponto de vista espiritual

Andresa Molina • Marcia Marins

Introdução:

O que Freud, Jung, Lacan, Reich, Kardec, Platão, Sócrates, Umbanda, Candomblé e todas as religiões tem em comum? Onde é que eles conversam e como é que eles se integram? Eles falam coisas diferentes, mas todos estão falando da mesma coisa em comum: **a espiritualidade**.

É aí que entra o nosso estudo de como essa espiritualidade e a psicanálise se interligam.



Mas primeiro vamos falar um pouco sobre a **mediunidade**, ou seja, a capacidade de comunicação entre este plano físico e o plano espiritual.



Algumas pessoas têm essa facilidade mediúnica outras nem tanto. Mas há um método de desenvolver isso chamado "**desdobramento**".

Desdobramento é o que acontece quando a gente dorme, sonha. É essa capacidade de soltar o corpo. Também acontece quando a gente faz uso de qualquer substância endógena ou alucinógena, por exemplo.



Quando desdobramos de maneira consciente ou inconsciente há alteração de consciência. É uma forma diferente de mediunidade: não a de incorporação, mas a de desdobramento.

Este estudo mediúnico ajuda muitas pessoas a entender mais amplamente o processo espiritual, mas só ele não basta.

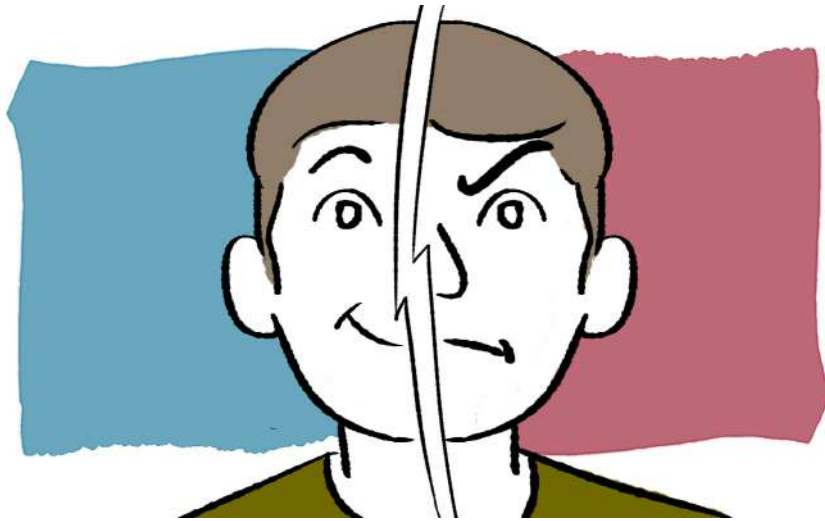
Por outro lado, algumas pessoas buscam interpretar os fatos apenas pela visão psicanalítica.

Bastaria juntarmos essa mediunidade com os conhecimentos da ciência e da psicanálise.

Isso quer dizer que se deve fazer uso tanto dos estudos psicológicos quanto das doutrinas espirituais para se ter o resultado do todo.



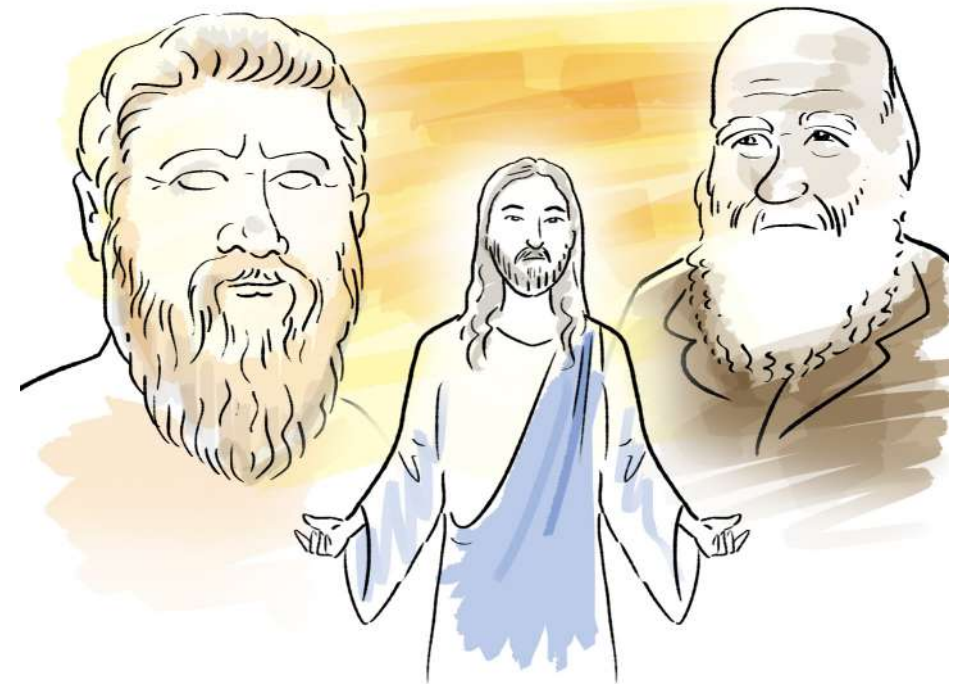
É é isso que vamos abordar a partir de agora. E quem vai nos ajudar a compreender melhor isso tudo é uma pessoa muito experiente, que vai nos orientar nestas questões todas: a psicanalista e espiritualista Marcia Marins.



Primeiramente temos que desmistificar o que muita gente acredita: que o corpo físico é uma coisa e o espírito é outra, ou seja, que são entidades separadas. Seria o que Freud chamaria de "Fragmentado".



Na verdade, ele não fala em espírito por ser judeu, e sim em "dissociação da personalidade".

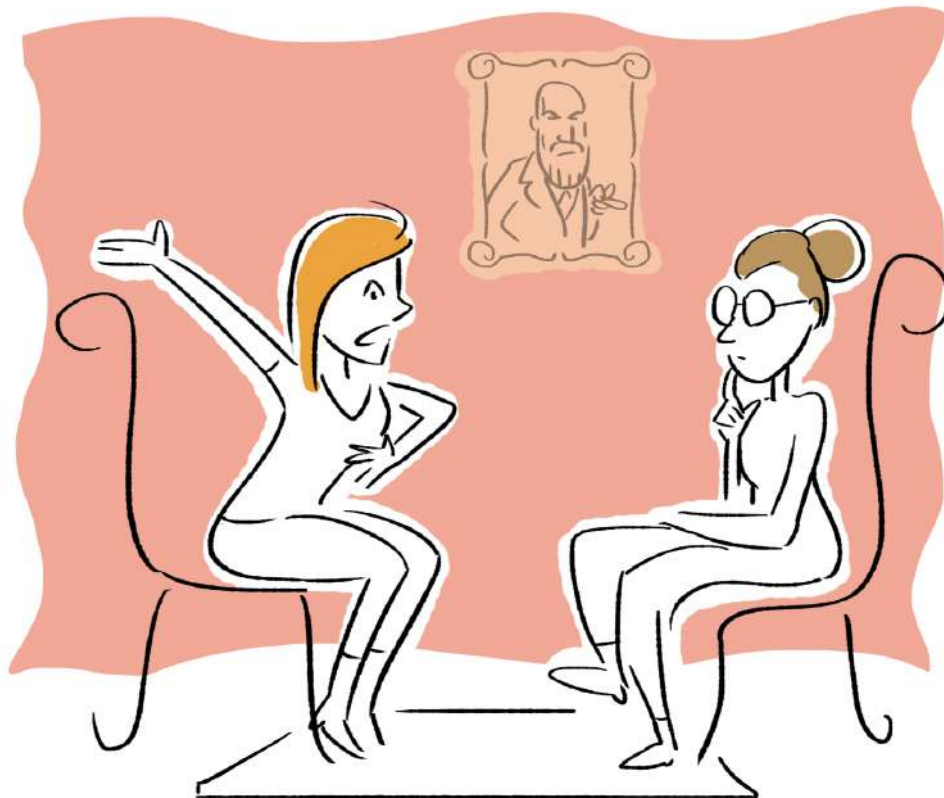


A título de curiosidade, a linha que Marcia segue é a de Freud, Jung, Lacan e Reich, não no sentido ortodoxo, mas de olhar e analisar todas expressões verbais e gestuais inconsciente dos pacientes, e eles dizem muita coisa. Ela também é médium, o que auxilia no processo de tratamento, pois, como dito, é a união das técnicas psicanalíticas com o espiritual.

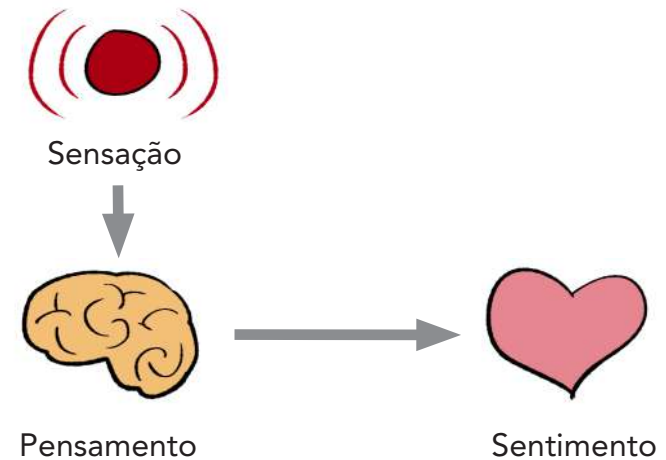
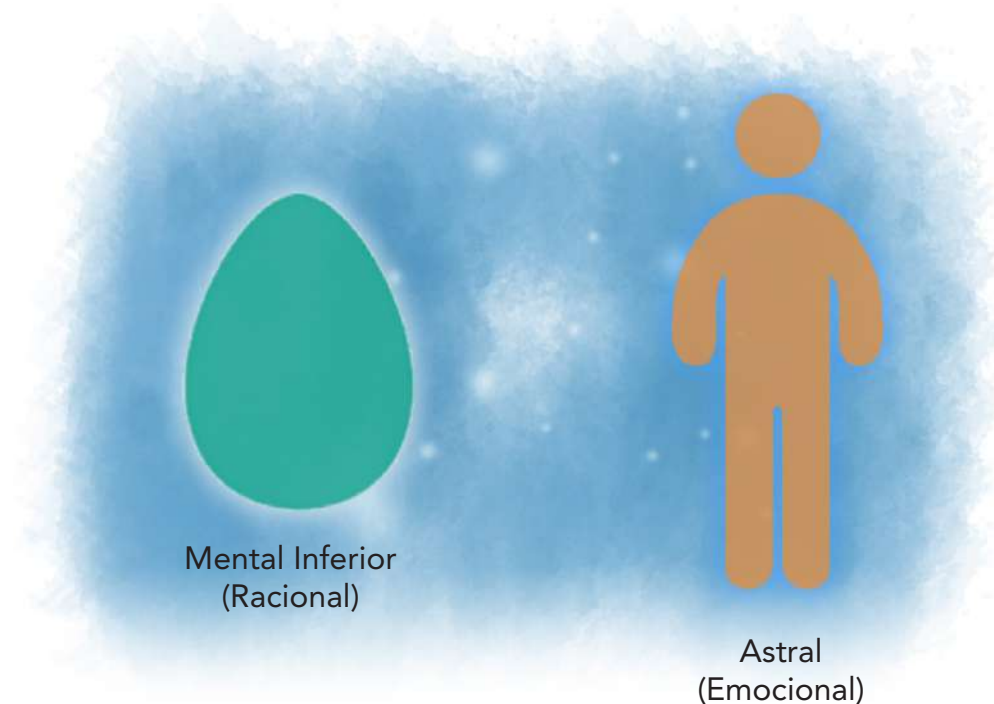


Sobre a mediunidade, Kardec já dizia: todos nós somos médiuns, em maior ou menor grau. Essa é uma capacidade de poder intermediar planos, de receber influências espirituais e assim elaborar o método investigativo da alma.

Alma e psiquê, conforme falado, é a mesma coisa. Tanto que "Psykhé", palavra de origem grega, significa alma ou mente.



A psicanálise em si, de um certo ponto de vista, é de fácil compreensão porque todos temos uma psiquê e tudo o que os nossos cinco sentidos e outros sentidos ainda não desenvolvidos, passam por esse psiquismo. E uma forma talvez mais fácil de se desmistificar este "psicanalês" é a associação desta ciência com os 7 corpos. Continuando numa análise sobre a psiquê, podemos questionar: o que é a alma? Olhando para o diagrama dos corpos, dizemos que a alma ou psiquê é formada pelo:



Então, analisando o circuito emocional, deduzimos que, quando temos a sensação de algo, isso gera um pensamento, que por sua vez gera um sentimento (**sentir com a mente**).

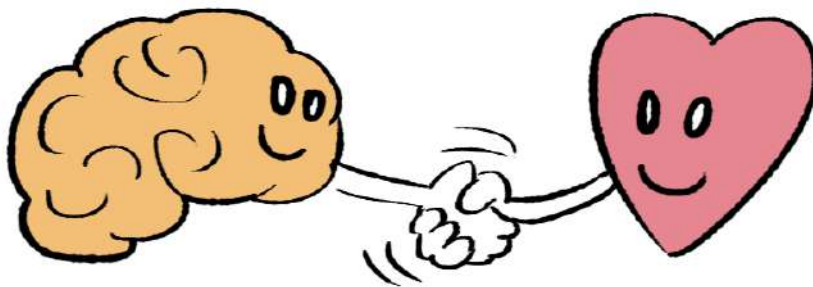


Agora, transportando este circuito emocional para os chakras, temos:

- 1) A sensação inicia-se no chakra umbilical ou conhecido também como plexo solar, gerando impulso instintivo;
- 2) Estes impulsos vão acionar o chakra cardíaco, (gerando o que Freud chamaria de pulsão) que na realidade são pulsos elétricos;
- 3) Como consequência, vai acionar a glândula timo, e esta vai acionar a glândula pineal (pensamento), acionando o sistema neurológico;



A união entre o corpo emocional e o corpo racional, é o que forma a alma, ou a psiquê, na linguagem psicanalítica.

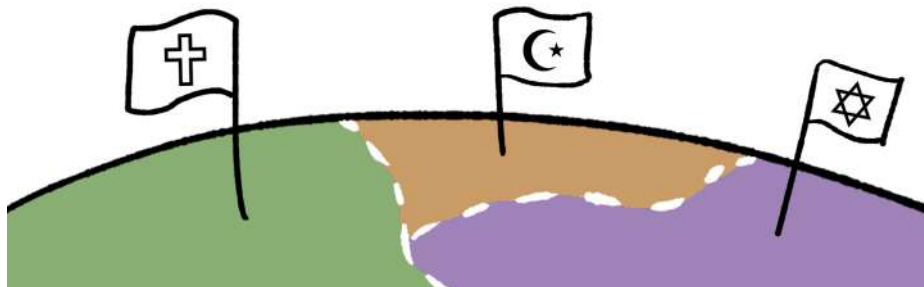


Apenas como esclarecimento: alguns chamam corpo astral de emocional, assim como chamam mental inferior de mental concreto ou de racional. São nomes diferentes, mas que dizem a mesma coisa.



Esta é uma explicação holística. Mas se você prestar a atenção, todas as religiões ou doutrinas (católica, espírita, evangélica, umbanda, muçulmana etc.), dentro de suas perspectivas e ensinamentos, falam exatamente a mesma coisa.

Você vai encontrar a espiritualidade nos evangelhos, no alcorão, nos textos espíritas, nos sutras budistas, enfim. A grande problemática, talvez, seja que cada uma destas correntes religiosas busque suas próprias verdades como únicas, levantando suas bandeiras e tentando justificar seu ponto de vista. Porém, todas estas versões convergem sempre para o mesmo lugar: a busca pela compreensão do espiritual.

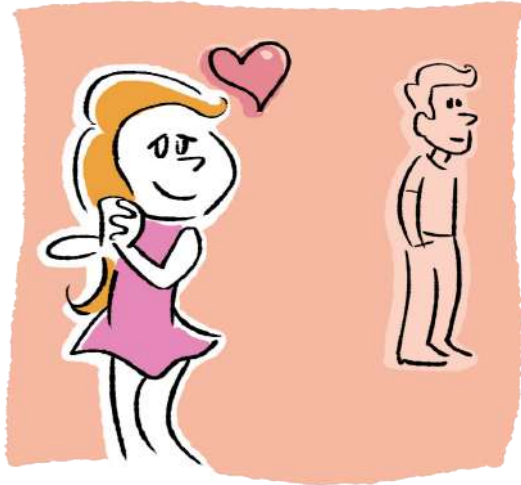


Isto traz uma falsa visão de que há separação do ser, de haver coisas diferentes. Na verdade, vivemos em “uma unidade”, ou seja, “humanidade”. Vivemos juntos, conectados.

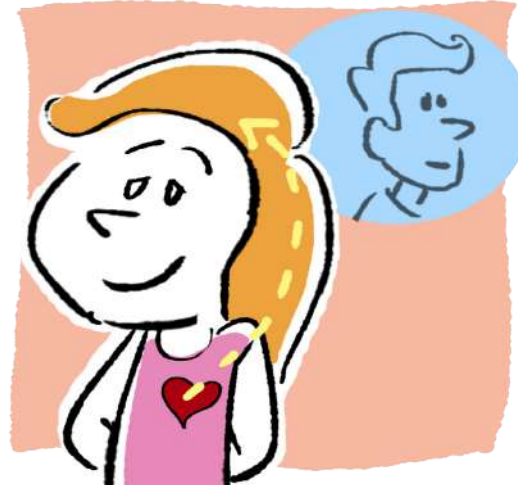


Mas, como humanos, somos diferentes. E vivemos esta diferença. Mas isto não quer dizer que somos melhores ou piores que nossos semelhantes, nem que esta ou aquela religião é melhor. Apenas temos que saber conviver com estas diferenças tendo consciência de que elas formam o todo.

O que forma tudo isso que é a nossa **psiquê**. Vamos a um exemplo prático:



Uma menina gosta de um rapaz. Nasceu nela uma sensação (atração).



Ela pensa e compreende esta sensação (de gostar daquele rapaz).

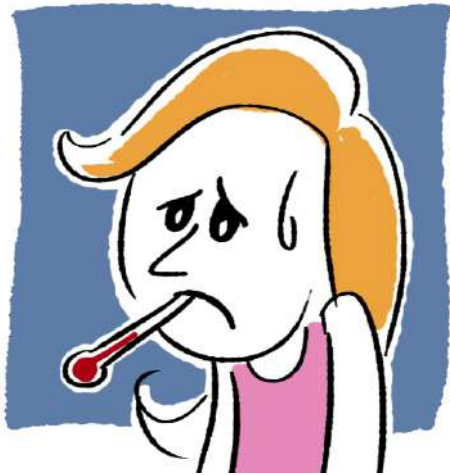


Ela cria então uma energia no chakra cardíaco (a pulsão dita por Freud). A tendência de reação é de manifestar esta sensação para o externo.

Mas quando esta energia passa pelo racional, há uma barreira, um filtro. Surgem pensamentos que dizem a esta menina: "acho que estou errada", "ele não vai gostar de mim", "ele já deve ter namorada". Então esta energia, que deveria se manifestar, acaba sendo presa. No caso, a menina não diz nada ao rapaz e guarda este sentimento só para ela.

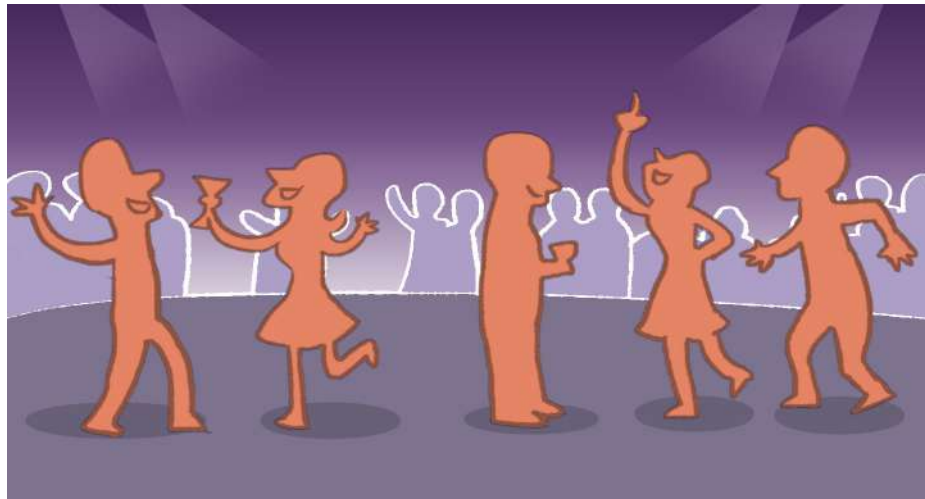


Aí começam os processos psíquicos e somáticos. Esta energia guardada de alguma forma vai precisar sair, caso contrário ela cria um bloco energético que vai gerar um processo de distúrbio. Pode ser um distúrbio físico ou psíquico, bloqueando nosso fluxo energético e afetando nossa vida afetiva, familiar, social, profissional, enfim. Em síntese, esta retenção de energia nos faz mal.



Além de gerar doenças físicas e emocionais, esta retenção de energia, conforme falamos, nos traz outro problema. Ela tolhe as nossas percepções, ou seja, nos faz ver as coisas de uma maneira distorcida que tende ao negativismo.

Um exemplo:
3 pessoas são convidadas para uma festa.
Lá elas comem, bebem e dançam.

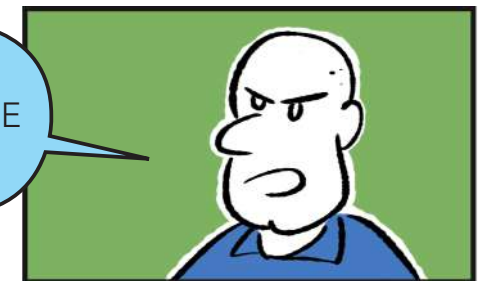


No dia seguinte, cada uma das 3 pessoas tem uma opinião sobre a festa.



ESTAVA MARAVILHOSA,
MAS NÃO GOSTEI
DA MÚSICA.

NÃO GOSTEI,
COMEÇOU MUITO TARDE
E O JANTAR ATRASOU.



ESTAVA TUDO
MUITO BOM, A COMIDA
ESTAVA EXCELENTE.
ADOREI!



Por que isto aconteceu? É o que vamos explicar na próxima página.

Bem, você notou no exemplo anterior que 3 pessoas tiveram percepções diferentes para um mesmo evento (a festa). Isto se deve ao fato de que cada indivíduo vê o mundo conforme sua psiquê. É aí que entramos na 1ª Lei de Hermes Trismegisto (Princípio do Mentalismo).

Esta lei diz o seguinte: o nosso universo é mental.



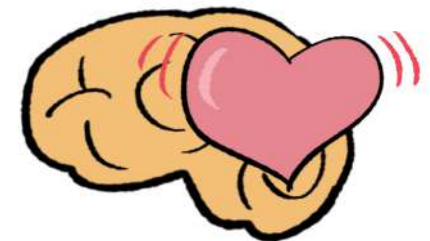
Aqui temos que entender que o “mental” nada mais é do que o nosso psiquismo. E este psiquismo é uma junção dos nossos corpos racional e emocional. É tudo o que pensamos, sentimos, experimentamos.



Inclusive nesta mistura entra também o nosso lado instintivo, primitivo, animal, que está ligado à preservação e à perpetuação da espécie. Esta nossa parte animal juntamente com o nosso cognitivo humano é o que forma o nosso psiquismo, o nosso ser individual.

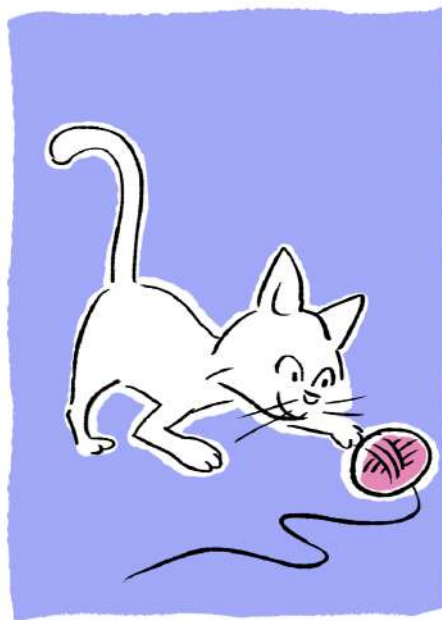
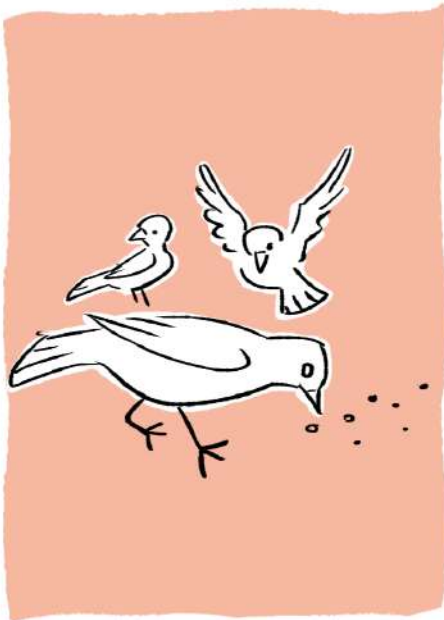
Aliás, é isto que nos diferencia dos outros seres. Nós, humanos, temos a consciência de nós mesmos, compreendemos as fases da vida, medimos a distância, o tempo, calculamos, ponderamos, ou seja, usamos no nosso raciocínio. Esta nossa capacidade racional integrada ao emocional (inclusive a parte primitiva) é o que nos difere, e que faz com que compreendamos o que sentimos.

É o ato de lidar com o sentimento, ou seja, sentir com a mente. Esse é o único mecanismo capaz de nos levar ao amor.



Porém, nós humanos, apesar de sermos racionalmente superiores aos outros seres da natureza, e compreendermos que temos a capacidade de sentir, ainda não conseguimos lidar de forma plena nossas emoções mais primitivas.

Nisso os animais já estão muito mais desenvolvidos. Como dizia o filósofo: o gato "gateia", o pombo "pombeia" e assim por diante.

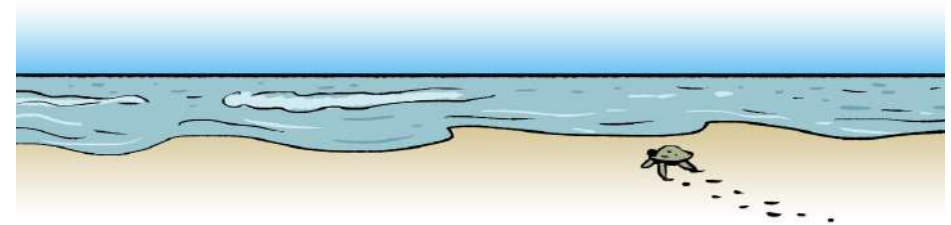


Se você, por exemplo, prender um gato e tentar alimentá-lo com alpiste, ele vai morrer de fome mas não vai comer o alpiste. Por quê?



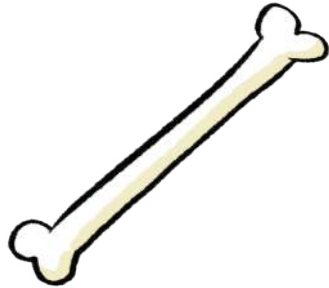
Porque sua natureza foi desenvolvida para ele ser carnívoro, e não para comer alpiste. Há uma certa inteligência primitiva e instintiva programada no reino animal que faz com que os seres se comportem de maneira tal que possam melhor viver e se adaptar ao seu habitat.

Se você observar, o coelho, desde que nasce, come determinada planta e não outra. A tartaruga, desde que sai do ovo, nada em direção ao oceano. Quem os ensinou? A natureza.

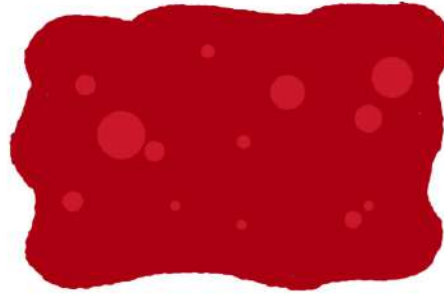


Esta tal inteligência animal. Isto torna os animais muito mais desenvolvidos na questão instintiva do que nós, humanos.

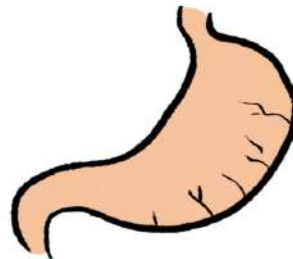
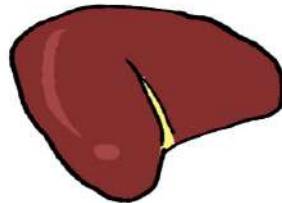
Em nós humanos, habitam todos os reinos.



O reino mineral está nos nossos ossos.



O reino vegetal está no nosso sangue.



O reino animal está em nossa carne, em vísceras, em nossos instintos.

Atualmente, estamos desenvolvendo o **Reino Hominal**.

Se compararmos ao nosso esquema dos corpos, estamos subindo os chakras:



Chakra básico – reino mineral;



Chakra sacral – reino vegetal;



Chakra umbilical – reino animal;



Chakra cardíaco – reino hominal, este em fase de desenvolvimento.

Tudo o que vivemos, como vivemos, o que sentimos, o que pensamos, no final, quando desencarnamos, volta para estes reinos (mineral, vegetal e animal) com outro tipo de inteligência.

É o reino contribuindo com a gente e a gente contribuindo com o reino. E aí o todo se modifica.

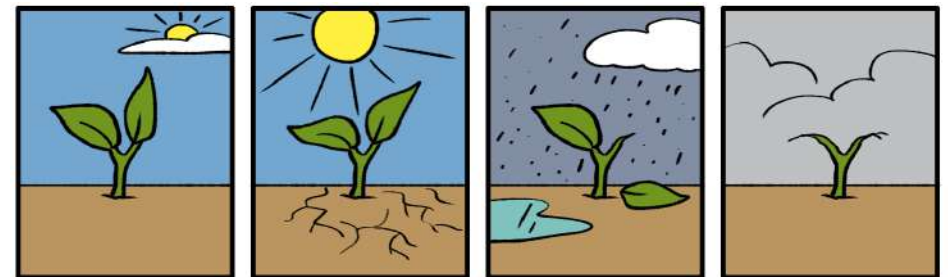
Associando a psiquê aos chakras, podemos fazer uma pequena análise:



Primeiro chakra (básico), referente ao reino mineral. Neste reino, as coisas funcionam a partir de duas condições: atração ou repulsão. Por exemplo, uma comida, um rosto, um objeto. Cada uma destas coisas tem o poder de atrair ou repelir. Por isso, a terapia com cristais, pedras, argila, etc. funcionam.



Segundo chakra (sacral), referente ao reino vegetal. Como nosso corpo é formado 70% de água, esta seria a capacidade de deixar as coisas fluírem (paciência, calma). Associada à ideia de planta, que tem seus ciclos de florescer e perder as folhas conforme as estações do ano, também temos esta capacidade de resiliência.



Terceiro chakra (umbilical), se refere ao reino animal. É o instinto, a reação visceral, que transborda, surge sem percebermos. É a reação momentânea, primitiva, poderosa, que entra em ação para proteger nossa vida numa situação de perigo, promovendo ação de luta ou fuga. Por isso as pessoas ainda tem o medo da morte, por exemplo. A morte é o fim da vida, e essa ideia vai contra o nosso instinto animal de preservação da vida.

Um exemplo prático de como funciona o instinto animal de preservação da espécie, que carregamos dentro do nosso cérebro primitivo.



Digamos que você esteja dirigindo seu carro e ao seu lado está alguém que você ama muito. Pode ser seu marido, esposa, filho, enfim.



Inesperadamente um outro veículo surge da direita e atravessa na sua frente. Para evitar bater, você instintivamente puxa o volante para o lado esquerdo.



Mas você bateu. E bateu com o lado direito, justamente onde estava sentada a pessoa que você amava. E ela se machucou um pouco.

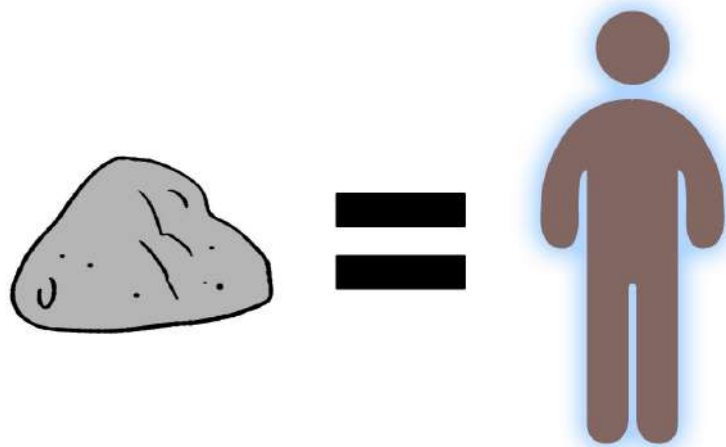
Passado o susto, você começa a se culpar de por que não virou o volante para o outro lado, por que não fez outra manobra, por que isso, por que aquilo... enfim. O que você não leva em conta é que nestas horas de perigo eminente, seu lado racional é substituído pelo instinto. E é ele que assume o comando. Foi por isso que você puxou o volante para o lado esquerdo. Não que você tenha planejado racionalmente fazer isso, mas foi um impulso.

Você viu um carro surgindo na sua frente e seu cérebro primitivo agiu para que você se salvasse, mudando a trajetória e entendendo que assim você não bateria. Por isso em muitas situações onde envolve vítimas, as pessoas se culpam, achando que poderiam ter evitado. Na maioria das vezes não. E aí é que as pessoas cometem o erro de não aceitar esse lado animal de preservação da vida que temos conosco. Negar isso é negar a própria existência.

Como sabemos, temos 7 corpos:

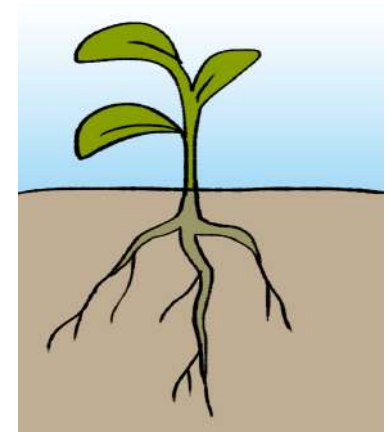
- O corpo físico;
- O duplo etérico;
- O corpo astral ou emocional;
- O corpo mental concreto ou mental inferior ou racional
- O corpo mental abstrato ou mental superior;
- O corpo búdico;
- O corpo atmã.

Conforme dito antes, a cada um destes corpos está associado um reino.

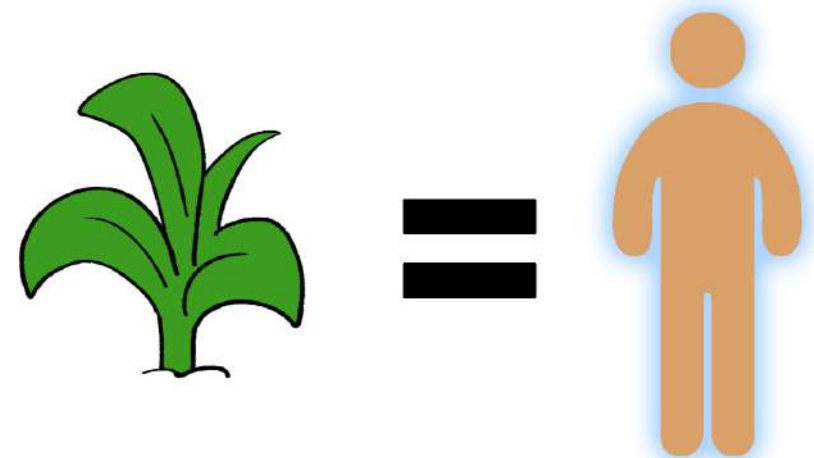


O **reino mineral** está associado ao **corpo físico**. Numa analogia, podemos dizer a pedra (mineral) é dura, assim como o corpo físico tem densidade.

O **reino vegetal** seria o **duplo etérico**. E na comparativa com uma planta, que absorve água e sais minerais através das raízes e conduz para as folhas, o duplo etérico também transporta energias e frequências vibratórias entre o corpo físico e os outros corpos.



É este corpo o responsável por transmitir aos demais corpos os benefícios que fazemos através de reiki, harmonização, passes, e qualquer tratamento de transmissão de energia.



O **reino animal** pertence ao corpo **astral (emocional)**. Ali se manifestam as reações viscerais, os impulsos, porque neste corpo está o registro dos instintos que fazem parte de todo o reino animal. Isto inclui a preservação da vida e a perpetuação da espécie.



Um exemplo é quando, na juventude, os jovens tendem a sentir atração por indivíduos do sexo oposto. Esta vontade de se relacionar nada mais é do que os hormônios preparando o corpo para a reprodução, ou seja, a preservação da espécie.

Outro exemplo da manifestação do reino animal em nós, humanos, é quando, no inverno, buscamos nos recolher, ficar fechados em casa, e se puder, embaixo de um cobertor. Se você observar, existem na natureza animais que hibernam. Coincidência? Não, instinto animal.



O quarto corpo (**mental concreto ou racional**) seria comparado a um reino novo: **o hominal**.

Este é o que nos caracteriza como racionalmente superiores em relação aos outros animais. É aí que a psicanálise atua, pois nosso poder de cognição e percepção do mundo (que nos difere dos outros seres) permite trabalharmos a maioria das questões emocionais e espirituais que nos envolvem. Seria a manifestação do divino, da energia suprema.



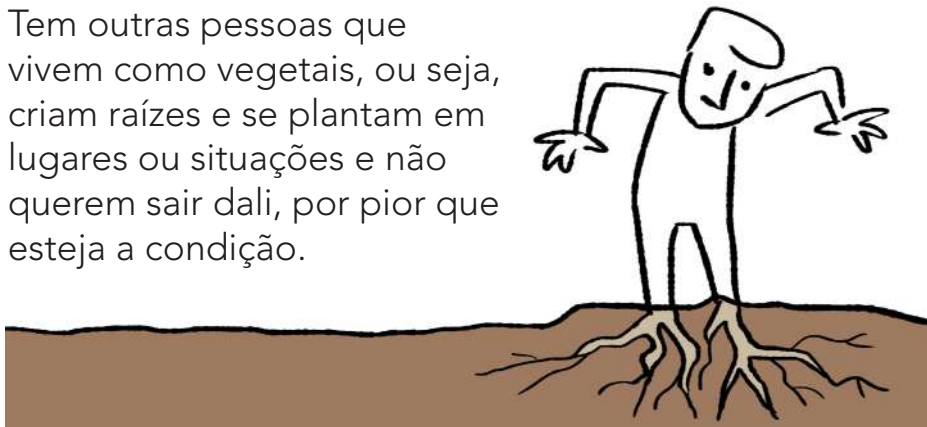
Este corpo está ligado ao chakra cardíaco, que possui 12 pétalas, sendo 5 representando nossos 5 sentidos, visão, olfato, audição, tato e paladar e 7 representando os instintos humanos mais conhecidos como pecados capitais (que, no fundo, nada mais é do que 7 instintos exclusivamente humanos).

Quanto ao comportamento padrão de algumas pessoas, podemos também fazer uma analogia com os reinos.

Por exemplo: existem pessoas que vivem como pedras. São sólidas, não se mexem, não reagem, vivem conforme a vida leva. Se algo as atrai, elas vão, caso contrário, permanecem inertes.



Tem outras pessoas que vivem como vegetais, ou seja, criam raízes e se plantam em lugares ou situações e não querem sair dali, por pior que esteja a condição.



E, claro, tem aqueles que vivem como os animais: agem pelo instinto. Isso pode ser entendido como reação a uma ameaça (física ou psíquica) ou a uma situação onde a individualidade esteja em risco, seja por uma agressão moral, seja por valores éticos, seja por arranhão ao ego, enfim.



Nestes comportamentos meramente primitivos, há perda da habilidade racional e quem toma conta da situação é justamente esta parte mais profunda, instintiva, animal.

Exemplo típico deste impulso irracional é, talvez, a mais primitiva das sensações: **o medo**.





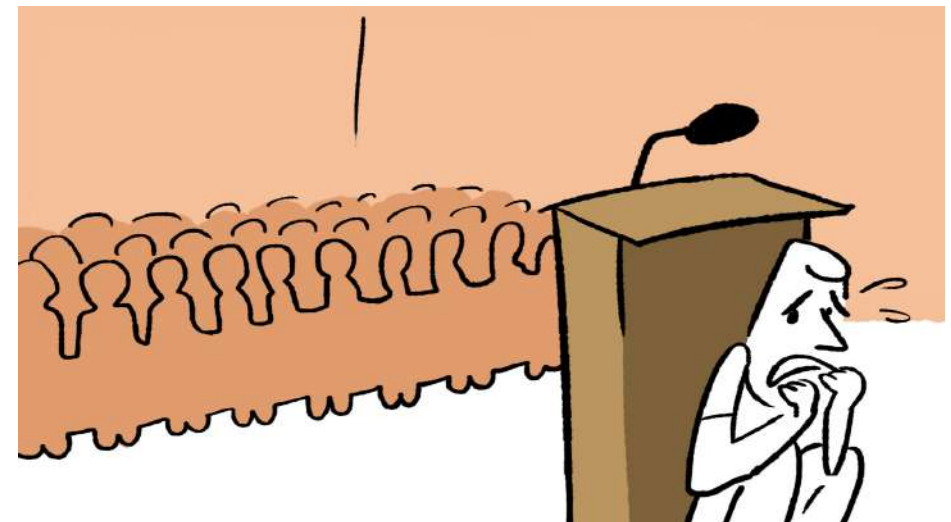
Pois bem, o medo é psiquicamente considerado uma emoção. E quando estamos numa situação de temor, acontece algo incrível com o nosso corpo.

A gente perde a capacidade de raciocinar, nossa memória falha, nossos músculos ficam tensos, nossos movimentos se tornam imprecisos e muitas outras reações bioquímicas acontecem no nosso cérebro. O medo é emburrecedor. Não nos permite pensar nem tomar decisões. Ele exagera os possíveis acontecimentos futuros, tornando-os mais trágicos possíveis.

Existe o medo fóbico, como medo de altura, medo de aranhas, etc., e existe o medo por antecipação, ou seja, de um evento futuro que nos causa desconforto.



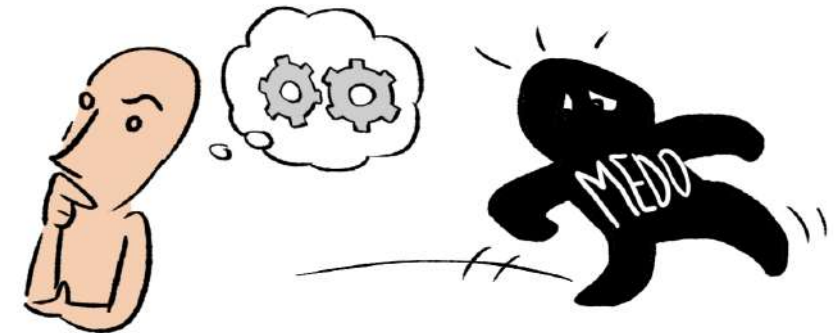
Um exemplo: Digamos que você foi convidado a dar uma palestra importante. Isto quer dizer que você falará perante um grande público, repleto de pessoas estranhas. Você pode saber de cor o número do seu celular, mas se você não estiver familiarizado em falar em público, momentos antes da palestra sua memória irá falhar e você esquecerá seu telefone na hora.



Outro caso: você nunca voou de avião e, na véspera da viagem, nem dorme. Pensamentos brotam:

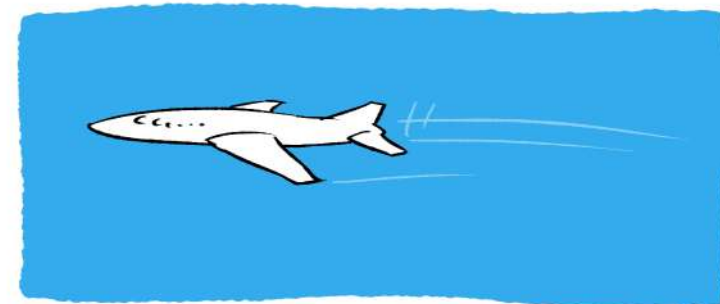


É o medo exagerando o futuro, elaborando catástrofes. O medo toma conta de você e seu lado racional mal consegue agir. Lembra de quando falamos no instinto animal de preservação da vida? Pois é, o medo neste caso acha que o avião é um perigo para você.



O medo descontrolado tende a nos fazer mal, conforme falamos. Agora vejamos por outro lado: quando acionamos o nosso corpo racional, fazendo uso de nossa razão e ponderando os fatos, podemos usar o medo a nosso favor. Como? Transformando-o em precaução, ou seja, planejando o agir perante um provável perigo.

No exemplo do avião: se você deixar-se levar pela sensação do medo, provavelmente você cancelará a viagem ou tomará um calmante.



Mas se usar o racional a seu favor, você pode traçar uma série de condutas razoáveis e condizentes com as situações.

Por exemplo, se você passar mal por motivo de ansiedade, saberá que esta será uma condição tipicamente psíquica. Conseguirá achar uma forma de controlar essa ansiedade.



Saberá que, caso haja uma turbulência, isso nada mais é do que diferenças de pressão externa e correntes de ar que agem na aeronave, e que isso é perfeitamente normal em condições de voo. E saberá também que o piloto é treinado para melhor conduzir o avião nestas situações.

Ter em mente nestes horas que a tripulação da aeronave é treinada e apta para lidar com qualquer problema a bordo pode ser confortante para quem tem medo de voar.



Em outro caso de atenuar os efeitos do medo seria, antes de uma palestra, por exemplo, você treinar bem todas as falas diante de um espelho para se certificar de suas expressões, imposição, tom de voz, pausas, enfim. E ter em mente que, caso o retroprojetor falhe, acidentes acontecem. Seria tentar tirar o foco da atenção da platéia sobre você, como indivíduo, e transferir para o conteúdo da palestra.

Voltando aos reinos, falamos do corpo físico, duplo etéreo, astral ou emocional, mental concreto ou inferior ou racional. Agora vamos nos dirigir ao **mental abstrato** ou **mental superior**.



Este corpo (também conhecido como corpo causal, que é onde está registrado tudo que acontecerá na nossa vida) está ligado ao **reino angelical** e ao **elemento éter**. E por que angelical? Quando falamos em anjo da guarda, podemos dizer que esse anjo (uma associação com proteção e conhecimento do divino) também habita em nós.



Após, temos o corpo **búdico**, que é a primeira visão que temos de individualidade.

E por fim temos o **atmã**, que é a centelha divina. No esoterismo, este seria o primeiro corpo, o supremo, o superior. Na psicanálise e Espiritualidade, o atmã é enumerado por último, pois se considera como resolvido.



Vamos agora deixar ainda mais claro tudo que falamos até agora. Para isso usaremos o exemplo a seguir.



Imagine que uma sociedade de um determinado lugar, de repente, tenha uma vontade coletiva: a de ter taxistas disponíveis para todos. Uma hipótese. Para isso é preciso que se tenha, primeiramente, o básico: um carro.



E para que esse carro funcione bem, é preciso que você faça manutenção regular, limpe-o frequentemente, cuide das peças, calibre os pneus. Metaforicamente, o carro é o corpo físico: precisa de cuidados, higiene e saúde.



OK, mas o carro por si só não anda. Ele precisa de combustível, que equivale ao duplo etérico, que transmite a energia adiante.



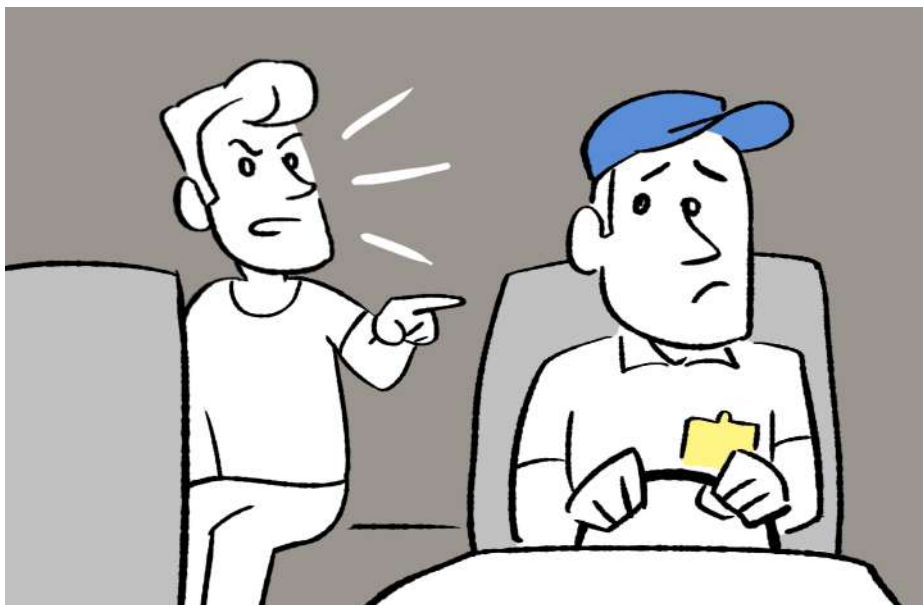
Mas o carro com combustível ainda precisa de mais um elemento para poder sair do lugar: o motorista. Este representa a nossa psiquê, que é a junção do nosso corpo emocional ou astral com o corpo mental concreto ou racional.



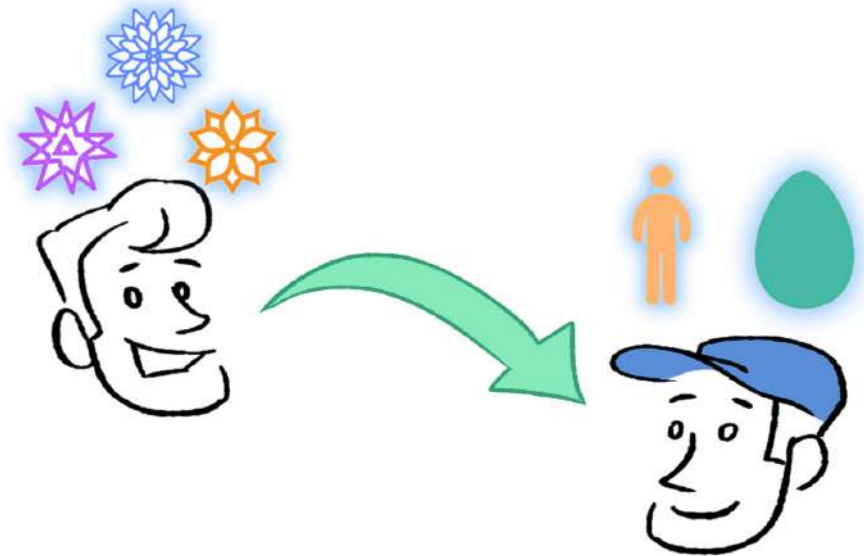
Então o taxista, condutor do nosso carro imaginário, precisa desenvolver o seu papel: levar o passageiro ao seu destino. E quem é o passageiro, neste caso? Os nossos três corpos superiores: Mental abstrato ou racional superior, corpo búdico e o atmã.

Mas aí temos uma questão delicada. O motorista recebe o passageiro (espírito) que deseja ir até tal destino. Digamos que ele queira ir a uma cidade litorânea, mas exige fazer uma rota mais distante, passando por outros locais, por outras cidades, visitando outros pontos turísticos, ou seja, fazendo uma rota mais distante.

O motorista (a nossa psiquê), num ato de honestidade, aconselha a percorrer o caminho mais curto até o destino, poupando assim tempo e combustível. Mas o passageiro, mesmo ciente da boa intenção do motorista, insiste na ideia e diz: "eu quero e pronto."



O passageiro (espírito) age sobre o motorista (psiquê), emanando impulsos e determinando sua vontade.



Só que este caminho passa por nossos filtros sociais, crenças e, principalmente, nossa ignorância. O resultado é que muitas vezes não conseguimos chegar onde queríamos porque há muitas questões internas, constituída de conflitos, atritos e neuroses, que interrompem nosso trajeto. Então o motorista do táxi não chega a um acordo com o passageiro.



Diagramação:
HELOÍSA FREITAS

Ilustrações:
MAURO FREITAS

Contato:
mauzi.atendimento@gmail.com

a gente
faz por
missão



ESPAÇO
HUMANIDADE
Consciência que cura

Rua Chiquinha Rodrigues, 205 - São Paulo - SP
cursos@espacohumanidade.com.br
espacohumanidade.com.br